Cearense-Padrão

Andrade Furtado
(sócio efetivo)

Exmo. Sr. Dr. Meneses Pimentel, Interventor Federal
Ilmo. Sr. Dr. Pompeu Sobrinho, Presidente do Instituto do Ceará
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Aqui nos encontramos, neste momento, para dignificar as tradições de honra e os forais de cultura da nossa terra. Não saberíamos compreender um povo que desprezasse as glórias do seu passado...

O Instituto do Ceará conserva acesa a chama que arde neste santuário de civismo, para evocação dos heróis, a quem devemos todo o nosso preito de reconhecimento e de louvor.

Estamos num templo, onde se cultua o mérito verdadeiro, para que não resvale no esquecimento a memória dos nossos valores autênticos.

Hoje, nesta casa, cheia de reminiscências inumeraveis, exaltamos uma figura que vale por um simbolo da inteligência e da tenacidade da raça.

ANTÔNIO BEZERRA, que há um século viu a luz no sertão de Quixeramobim, ligou o nome aos maiores acontecimentos dos nossos anais. Nascido num meio privilegiado, cerne vivo da região nordestina, bebeu na claridade do sol tropical, e no vigor da natureza exuberante de seiva, o nectar da liberdade sadia — dom inauferivel de Deus às almas inspiradas nas complacências do Bem.

Temos, no singular temperamento do batalhador das nobres causas, que foi, em vida, o nosso inesquecivel homenageado, um exemplo de dedicação inaudita a tudo o que se relacionava com o maior esplendor da epopéia do Ceará.

Para Antônio Bezerra, a nossa história, nos dias de luto e de dor, como no deslumbramento dos seus magnos triunfos, representa uma estrda aberta, que conduzirá a grei escolhida à imortalidade dos seus destinos.

Perdulário do talento e do saber, nunca procurou, para si mesmo, o proveito dos estudos e pesquisas, nos dominios da Ciência.

Morreu pobre, como viveu pobre, legando à família e à posteridade um patrimônio mais rico, mais alto e mais belo do que bens materiais pereciveis e efêmeros.

O Evangelho foi a fonte originária da sua longanimidade de coração.

Na lei de Cristo hauriu as forças do espírito, preferindo, em qualquer hipótese, a honradez sem mácula à locupletação de uma abastança facil, com todos os proventos e comodidades.

Formou o carater no trabalho probo e áspero, sem jamais dar significação ao fascínio do século.

É que esse patriota de rija felpa herdou do ilustre pai, Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra — varão de Plutarco, forrado com a doçura do filósofo cristão —, o sentimento de fidelidade e de amor às origens espirituais da Terra-de-Santa-Cruz.

Nascera, como o filho, no município de Quixeramobim, tendo cingido a láurea de bacharel em direito na velha faculdade do Recife.

Militou na imprensa desta capital, pelas colunas do "Pedro II", da "América" e da "Tribuna Católica".

Pode ser considerado, com justiça, o precursor, entre nós, do jornalismo a serviço da Igreja.

Acompanhava as renhidas pugnas do tempo, através do orgão pariense "L'Univers", de Luiz Veuillot. Foi catedrático de português do Liceu do Ceará. Escreveu "Questões de Gramática Filosófica", "Compêndio de Gramática Nacional", "O que é o Protestantismo" e os "Deveres Políticos do Cristão".

Os títulos dos seus trabalhos revelam a visão segura e arguta dos problemas, que, mais tarde, assumiram suma relevância no panorama da crítica moderna.

Desempenhou, mais de uma vez, o cargo de representante do eleitorado na Assembléia Provincial, de que chegou à presidência, em uma legislatura.

Foi, ainda, deputado geral, havendo-se com elegância e aprumo, no apurado meio parlamentar da Corte.

A sua integridade moral e firmeza de convicções emprestaram-lhe a auréola de veneração de que sempre viveu iluminado.

Os adversários respeitavam a sua têmpera de antes quebrar que torcer, reconhecendo a correção vertical das suas atitudes.

O Dr. Soares Bezerra, paradigma de ombridade e sabedoria, incutiu no filho, escritor e abalicionista, o gosto pelo cultivo das letras, das ciências e das artes.

Esse fulgor intelectual, que Antônio Bezerra recebeu da linhagem paterna, sempre esteve ao nivel da sua alcandorada vocação

de patriota, disposto, em todas as circunstâncias, a colaborar nas campanhas de rehabilitação dos nossos costumes públicos e de fortalecimento das nossas virtudes sociais.

Toda a sua bagagem bibliográfica é ouro de lei. Não desperdiçou as reservas da sua mentalidade de escol em coisa alguma onde se não refletissem o apego à gleba do seu berço e a solidariedade inviolavel a esta parcela da família patrícia.

"O Ceará e os Cearenses", livro escrito nas plagas da Amazônia, traduz, eloquentemente, o cunho forte de bairrismo desse delicioso apaixonado pelos lances cavalheirescos de magnanimidade do seu povo e pela predisposição de martírio da sua terra.

Em que tom soberbo, referia-se, de início, ao gesto viril de 25 de Março de 1884 — a libertação dos escravos no Ceará —, o mais glorioso ato, no seu conceito lapidar, da vida desta Nação!

Em tudo — considerava, em seguida, o exímio psicólogo — se portou a falange dos libertadores com abnegação e patriotismo.

Na verdade, aquele moço audaz que se envolveu na rude refrega pela redenção dos cativos, atraido tão somente pela sedução do Ideal de fraternidade cristão, contemplava deslumbrado o exemplo de honra oferecido pela Província ao Império.

A Terra da Promissão, que alguem chamou Saara do Brasil, abriu, com efeito, o caminho à extraordinária vitória de 13 de Maio de 1888, a promulgação da Lei Áurea, como vanguardeira de uma conquista das mais fulgentes da História Contemporânea.

Antônio Bezerra foi um vetarano dessa cruzada esplêndida em prol dos direitos da pessoa humana, empenhado pela ação e pela palavra no êxito de tão justo tentame.

Tem razão o veemente apologista das nossas peculiaridades em afirmar que se pode atribuir ao Ceará, no Brasil, o que disse, da Hungria, Vitor Tissot: — é uma excepção na Europa...

Realmente, o habitante desta região calcinada de sol, sujeita a crises climáticas periódicas, desprovida de lagos naturais e de rios perenes, afaz-se, no curso da existência, aos rigores da hostilidade ambiente.

Notemos o que escreveu, a esse respeito, Antônio Bezerra:

> "A inexorabilidade das secas, longe que seja um mal, traz, no entanto, para o cearense, a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória; pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vai procurar melhores condições de vida por toda a parte do universo. Sóbrio, afeito ao trabalho pesado, para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do

sofrimento. Não tem que estranhr infortúnios. A vida que lhe cabe é cheia de aventuras e perigos."

Nesses traços ficou nitidamente auto-biografado o homem que mais de perto, por ventura, representa a índole e os predicados marcantes da nossa estirpe.

Antônio Bezerra é, de fato, a personificação do valor do nosso tipo étnico. Ninguem como ele tão bem retrata esse conjunto de singularidades que especifica e caracteriza o cearense.

Manteve nos atos a inteireza religiosa ancestral. Envolveu o seu mérito no manto da mais singela e despretensiosa modéstia. Conservou, como a linha dominante da sua diretriz individual, esse desinteresse e desprendimento, que o fizeram benemérito da nacionalidade.

Nunca se viu quem trabalhasse com maior espírito de renúncia, com tanto desapego a vantagens e remunerações.

Estava sempre decidido a servir o bem comum, sem outra intenção a não ser a de cooperar para o engrandecimento do torrão nativo, que amou com toda a pureza d'alma e honrou com toda a bravura do seu lendário patriotismo.

Nem faltou a Antônio Bezerra o desígnio que Alencar tão graciosamente denominou a predestinação de uma raça, ao comentar que partiu, rumo a paragens remotas, o descendente do primeiro desbravador da Civilização, nascido nas nossas alvas praias, ensombradas de coqueiros...

Emigrou Antônio Bezerra para o extremo Norte, prestando, assim, a sua contribuição ousada e generosa à conquista do reino das matas virgens para a unidade nacional, pelo esforço e persistência dos nossos valentes conterrâneos.

Fixando domicílio em Manaus, exerceu, alí, por muitos anos, o crgo de diretor do Museu Amazonense. Com a inclinação que revelava pelo estudo das ciências naturais, aumentou o seu largo cabedal de conhecimentos, nesse domínio da sua especialidade.

Redigiu, então, o jornal "A Pátria", orgão dos cearenses lá residentes. Escreveu artigos que despertaram sensação, em torno de observações sobre assuntos regionais.

Assumiu Antônio Bezerra ardorosa defesa dos seus compatrícios, deshumanamente explorados pelos proprietários de seringais. A sua pena vibrante foi, mais uma vez, clava de combate em prol dos pequeninos e oprimidos.

A ele se aplicam, a primor, os versos expressivos do bardo dolorido:

E vou, indiferente a cicatrizes,
Vivendo pelo amor dos desgraçados,
Morrendo pelo bem dos infelizes...

A sua pugnacidade teve eco nos quatro cantos do País.

Vejamos como descreve a odisseia da partida dos nossos irmãos para as regiões inhóspitas do Rio-Mar:

> "Sem cômodo [diz Antônio Bezerra], sem alimentação, arrumados nos porões e na coberta, como mercadorias em armazens, expostos os de cima aos rigores do sol e da chuva, sem ar os de baixo, misturados com toda sorte de aves e animais, que para negócio são exportados em quantidade, maltratados da criadagem, sem direito a reclamação alguma ... sem se poderem mover nem andar, à falta de espaço, sem alimento próprio as criancinhas, que choram de fome, sofrem, os pobres coitados, o que é impossivel de se descrever.
>
> "É impossivel — repetimos — descrever-se a série de sofrimentos por que passam os emigrantes, na terrivel travessia do porto do Ceará ao desta Capital."

Relata Antônio Bezerra, em seguida, o suplício dos nossos coestadanos no meio da selva equatorial:

> "Trabalham alguns em lugares alagados, pantanosos, insalubres, e se, por acaso, a borracha extraida não chega para satisfazer o pagamento da conta deste ou daquele, o patrão o tem preso e vigiado, até que se desobrigue do seu compromisso. Dá-se por alí uma espécie de cativeiro legal, pois que, se alguem, por compaixão, se comove de um desses infelizes, entende-se com o dono ou senhor, paga o que ele deve e leva-o para o seu abarracamento, com o mesmo direito de o passar a qualquer seringueiro."

Em sua linguagem, desligada das restrições de qualquer conveniência, aponta vicios e crimes, responsabiliza os poderosos do tempo, verbera a inclemência ou a impassibilidade dos que deviam zelar pelas garantias da ordem constitucional.

A sua palavra, então, semelha o verbo de um padre da Igreja, inflamado de indignação contra os costumes insólitos dos prevaricadores das leis divinas e humanas. É o mesmo fogo impetuoso que acendeu, tantas vezes, de flama arrebatadora, a ira de Rui Barbosa, em face das fraudes e deturpações do regime decaido.

É a mesma revolta indômita que explode do coração do povo, ante o espetáculo das injustiças soezes para com a multidão dos desprotegidos e desherdados da sorte.

Assim, o combatente da Abolição, na Terra da Liberdade, foi o advogado intimorato dos párias, no Inferno Verde.

A sua reação encontrou eco no formidavel depoimento prestado por Euclides da Cunha, na imprensa da capital da República. A dialética empolgante do autor dos "Sertões" atraiu a curiosidade do País, em artigos de extraordinária ressonância, para esses obscuros trabalhadores das brenhas selváticas, submetidos à condição de ilotas anônimos em pleno cenário americano!

O famoso publicista indigena transportou para o centro de maior progresso do Brasil, para a cidade do Rio-de-Janeiro, de onde se irradiou, através das colunas dos principais orgãos de publicidade, por todos os Estados, a narração do martírio dos retirantes cearenses, que Antônio Bezerra, no seu jornal da metrópole amazonense, pôs em foco da maneira mais oportuna, sincera e emocionante.

Ficou, então, patente que o problema do trabalho, naquelas invias matas tropicais, exigia assistência direta dos responsaveis pela segurança da vida e propriedade dos miseros desamparados, para quem as instituições democráticas não passavam de mera eufonia.

Alí se contemplava, na expressão veraz de Antônio Bezerra, nem mais nem menos que ignobil servidão.

A locação usurária do braço humano constituia, desta forma, um atentado contra as nossas prerrogativas de povo juridicamente organizado.

Era, realmente, de maravilhar e surpreender a altivez, a bravura cívica com que vingava o brio cearense o redator principal da "Pátria", folha lançada a lume para clamar contra uma iniquidade, a que se acomodava o espirito da época, como se aquilo fosse a situação inevitavel, o elemento imprescindivel da indústria caucheira.

Cabe a Antônio Bezerra o brasão de ter sido o pioneiro das reivindicações cristãs, em nosso Direito Social, protestando, em alto som, pela vigência de uma legislação que assegurasse a todos os brasileiros as mesmas obrigações e as mesmas regalias.

Essa faceta da sua atividade intelectual é das mais enaltecedoras da sua folha de merecimentos e bons serviços, com que se impôs à gratidão da coletividade.

A luta pela emancipação dos negros; as excursões exaustivas por todo o território do Ceará, palmilhado de recanto e recanto, para estudo minucioso da sua fisionomia geográfica e política; a

construção de um monumento de pesquisas valiosissimas, levantado, na sua pobreza franciscana, com pertinácia beneditina e honestidade jesuítica; a aquisição de apontamentos exatos, graças aos quais foi traçado o mapa do nosso estado; os catorze tomos das "Datas de Sesmarias", arrancadas ao báratro dos arquivos e cartórios, em que se abismavam, em meio de uma confusão indecifravel; os volumes editados para rehabilitação das coisas e fatos do nosso passado: — "Notas de Viagens ao Norte do Ceará", "O Ceará e os Cearenses", "Pero Coelho de Sousa no Ceará", "Algumas Origens do Ceará", tudo como as epígrafes assinalam para maior prestigio e luzimento da terra estremecida e amiga; todo esse labor de uma existência inteira sacrificada pelo amor da Verdade e pelo bem da Pátria, vale, nesta hora excepcional, a consagração que recebe dos homens de pensamento, das expressões culturais do nosso meio, dos valores de peso real no campo da literatura e da ciência, bem como nas elevadas esferas da administração e de todas as atividades coletivas.

Nele se observou, no decurso da vida inteira, a preocupação inalteravel de ser util à Humanidade.

No seu coração de moço, palpitavam ardentes esperanças, entoando, em versos canoros, epinícios de entusiasmo contagiante, aos feitos dos voluntários da jornada pela Redenção:

Moços, uma grande idéia
Vos anima os corações!
Quereis erguer, no futuro,
O mais belo dos padrões.
Sim, que vos sobra energia
E tendes n'alma a magia
Que gera as revoluções.
Se a turba não vos entende
Dos moços é que depende
O destino das nações.
A Pátria de tantas glórias
Que vos viu livres nascer,
Embora lhe embarguem a marcha,
Não pode escravos conter.
É tempo que a liberdade
Aos brados da mocidade
Erga os brios da Nação.
Que igualados os direitos
Batidos os preconceitos
Seja o escravo um cidadão!

Mais tarde, no seu coração de velho, fizeram ninho, cantando, as saudades dos dias radiosos, em que, entre palmas e vivas estrepitantes, soavam as estrofes heróicas do "Hino da Sociedade Cearense Libertadora":

Para sempre se apague da face
Da formosa auri-verde bandeira,
Esse negro borrão que nos mancha
E que avilta a Nação Brasileira.

E que a águia altaneira, que voa
Pelo dorso dos cerros azues,
Leve aos astros na garra gigante
A bandeira banhada de luz!

A mística do culto patriótico aos mais altos ideais da vida encheu de orgulho e alegria a ânfora rubra do peito do poeta.

O aferro à verdade inspirou ao historiógrafo, autorizado e consciencioso, dedicação extrema aos fastos das nossas tradições venerandas.

Um profundo respeito a Deus infundiu, no católico, desassombrado e convicto, a certeza luminosa da sua fé em nossos destinos eternos.

Foi, destarte, Antônio Bezerra uma perfeita encarnação das qualidades primaciais da raça, um cearense-padrão, dotado das eméritas virtudes, dos singulares complexos que definem e superiorizam o homem resistente e altivo, no nosso meio adverso.

Nenhum tributo à memória de alguem falou mais alto ao sentimento de justiça da comunidade conterrânea.

O Instituto do Ceará, que Antônio Bezerra chamava, carinhosamente, "a minha associação", tem o dever de glorificar a data centenária do inclito polígrafo, em quem contou uma coluna-mestra do edifício mais sólido e antigo da nossa intelectualidade e da nossa cultura.

Junto ao altar sagrado do Deus, mil vezes bendito, que nos fez um povo sofredor e crente, dando-nos a fortuna de possuir mentalidades sobreviventes a todas as vicissitudes do meio e do tempo, rendemos comovida ação de graças pelas benemerências de Antônio Bezerra.

Sobre o seu túmulo desfolhamos as pétalas frescas das nossas saudades.

Uma nacionalidade vale pelo que expressam os líderes das suas idéias, os condutores das gerações em flor para as esplanadas do Porvir.

Afere-se, por tanto, a grandeza da Terra-da-Luz pelo heroismo dos vexilários da sua honra.

A um desses patronos das nossas letras, que nos aparece à imaginação, coroado de louros, como triunfador grego, a Antônio Bezerra, que a morte não fez esquecido, antes mais enalteceu em nossa estima e admiração, prestamos, nesta oportunidade magnífica, a maior das nossas apoteoses, — a garantia da perpetuidade da sua obra, pelo Ceará e pelo Brasil! (1)

---

(1) Oração pronunciada na sessão solene do Instituto do Ceará, em 21 de Fevereiro, centenário de nascimento do escritor Antônio Bezerra.